

LUGARES DE MEMÓRIA NO OESTE PARANAENSE: MONUMENTOS PÚBLICOS, MEMORIAIS E PRAÇAS

PLACES OF MEMORY IN THE WEST OF PARANA: LANDMARKS, MEMORIALS AND SQUARES

Carlos Eduardo Neppel Pacheco¹
Daniel Brunetto Cari¹
Rodrigo Eduardo Donin¹
Fausto Alencar Irschlinger²

PACHECO, C. E. N.; CARI, D. B.; DONIN, R. E.; IRSCHLINGER, F. A. LUGARES DE MEMÓRIA NO OESTE PARANAENSE: MONUMENTOS PÚBLICOS, MEMORIAIS E PRAÇAS. *Akrópolis*, Umuarama, v. 15, n. 4, p. 229-246, out./dez. 2007.

RESUMO: Dentro de renovadas perspectivas de análises, privilegiamos o “termo/conceito” Lugares de Memória, visto nos monumentos do oeste paranaense, especificamente nas cidades de Cascavel e Toledo. Nesse sentido, abordamos as representações de poder relacionadas na elaboração de alguns desses lugares, como em memoriais, praças e parques. Buscamos analisar e discutir sobre os mesmos, através de informações contidas em jornais, revistas, leis e decretos, bem como outras publicações e documentos (como os monumentos). Percebemos, ainda, que normalmente se busca o enaltecimento de determinados indivíduos, fatos ou situações que evoquem uma história linear, quase sempre sem crítica.

PALAVRA-CHAVE: História; Memória; Lugares; Representação de poder; Oeste Paranaense; Monumentos.

ABSTRACT: Inside the renewed perspectives of analysis, we highlight the “term/concept” Places of Memory, once that it is seen in the landmarks from the West of Parana, mainly in the cities of Cascavel and Toledo. In this way, we analyzed the power representations related in the elaboration of some of these places, as found in memorials, squares and parks. We tried to analyze and discuss about them, through information from newspapers, magazines, laws and decrees, as well as in other publications and documents (like landmarks). We still realized that, normally what is search is the exaltation of some people, facts or situations that evoke a linear history, almost always without critics.

KEYWORDS: History; Memory; Places; Power representations; West of Parana; Landmarks.

¹Acadêmicos do Curso de História da Universidade Paranaense – UNIPAR, Campus Cascavel. Participantes do PIC - Programa de Iniciação Científica. bardo_carlos_@hotmail.com; daniel_cari@hotmail.com; pilicodm@hotmail.com

²Professor dos Cursos de História, Turismo e Moda da Universidade Paranaense – UNIPAR, Campus Cascavel. fausto@unipar.br

Recebido em Março./2008
Aceito em Março./2008

INTRODUÇÃO

Este artigo é parte dos resultados da Pesquisa (e Iniciação Científica de acadêmicos da UNIPAR), intitulada “Monumentos e Representação de Poder no Oeste Paranaense”. Nesse sentido, privilegia as abordagens teórico-metodológicas advindas de renovadas discussões historiográficas e dentre os termos/conceitos, destacamos a memória, as representações de poder, lugar de memória e os usos da memória.

Visando abordar esses termos e conceitos de forma mais prática, utilizamo-nos dos monumentos como fonte da pesquisa, especificamente no município de Cascavel e Toledo. Além disso, realizamos um “resgate histórico” dos mesmos, através de jornais, revistas, leis e decretos, bem como outras publicações. Para tanto, recorreremos às Prefeituras de Cascavel e Toledo, ao arquivo da Câmara de Vereadores de Toledo, à Biblioteca Pública de Cascavel e ao Museu Histórico de Toledo.

Destacamos que os estudos sobre memória emergem em meio ao contexto de rupturas valorativas e de descoberta de dimensões deixadas à margem, em que a concepção de tempo, do funcional, do convívio social se alteram, no qual se insere a retomada da questão da memória numa inserção mais ampla. Com a “aceleração do tempo presente”, o homem toma consciência da perda de suas referências mais imediatas e volta-se para a necessidade de questionar a sua inserção social, de identificar laços e símbolos comuns, de criar lugares de memória, monumentos, patrimônios. O estudo da memória envolve o vivencial, o(s) concebido(s) temporalmente. Em concordância com João C. Tedesco, constata-se que temos inúmeras outras dimensões que o campo da memória revela, especialmente na esfera dos atos sociais, identitários, e dos imaginários sociais cristalizados, em processo, em criação ou mesmo manipulação.

Nesse sentido, procuramos abordar, entre outros, o caso dos memoriais do cinquentenário nas cidades de Cascavel e Toledo; alguns dos aspectos envolvendo praças de Cascavel; bem como os parques ecológicos, sua funcionalidade e representações na região oeste. Vale destacar, que são considerações que merecem ser aprofundadas em suas análises, podendo apontar para novas discussões.

O Lugar Como Regate da Memória Local

Quando partimos para uma análise da memória ou mais especificamente dos chamados “lugares de memória”, cabe questionarmos onde se insere a questão de sua utilização, por que são criados e com qual utilidade? Para Pierre Nora, a aceleração da História consiste em “uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto”¹. Essa concepção faz com que os elos com o passado se percam, sufocando a memória que a História não se encarregou de resgatar. Dessa forma, ocorre certa obsessão pela preservação da mesma, que constitui diretamente a criação, manutenção e utilização dos lugares como resgate da memória local.

Esses lugares de memória constituem uma lembrança ou um recordar muito específico do que se quer preservar, geralmente impulsionado por um grupo que nos faz lembrá-lo de forma estratégica. Nesse sentido, destaca Peter Burke, “é proveitoso pensar em termos pluralistas sobre o uso das memórias por diferentes grupos sociais, que talvez também tenham diferentes visões do que é importante ou digno de memória”².

Ainda a respeito dos usos da memória, Burke comenta que devemos ficar atentos a quem quer que lembre/esqueça, o quê e por quê? Por esse motivo, a memória está muito próxima das relações de poder e as representatividades políticas, permeada pelo que nos “deixam” ou fazem lembrar. São “os indivíduos que lembram dos fatos [...] mas são os grupos sociais que determinam o que é memorável, e também como será lembrado”³. Lembrar e esquecer, pontos estratégicos providos de sentido, e muitas vezes até, de manipulação.

Parece-nos relevante, nesse sentido, destacar um pouco do que se entende por “História” e “Memória”. Para Pierre Nora, a História encontra-se como uma reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais, uma representação do passado, enquanto a memória seria “um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente”⁴. Entretanto, a memória se faz de acontecimentos do passado que é projetado para o agora, o presente. E esse presente é feito de interpretações, acontecimentos e visões.

Nesse sentido, Loiva Otero Félix⁵ destaca que a memória é um ato de evocar/lembrar, um ato de “recuperar mentalmente uma imagem”, seja por

¹NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares. In: Rev. Projeto História. São Paulo: 1993. n. 10, p. 07.

²BURKE, Peter. Variedades da História Cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 84.

³BURKE, Peter. Ibidem. p. 70.

⁴NORA, Pierre. Ibidem. p. 09.

⁵A temática da memória, que foi no século V a.C. campo dos historiadores e dos filósofos gregos, no século XX passou a ser importante

meio de fotos, álbum, lugares, ou até bens de ordem material e percepções de ordem sensorial, como cheiros, barulhos, ruídos, formas. Essa memória é capaz de moldar o imaginário coletivo e construir uma história pessoal de cada um. Em geral, nos identificamos com símbolos bastante simples ou cotidianos, como a bandeira nacional, uma cruz ou apenas o sinal da escola.

Por tais motivos, a História deve continuamente carregar um discurso crítico que vise questionar e até “desconstruir” o uso dessa memória como legitimadora de atos políticos, sociais, étnicos e culturais. Por assim dizer, a memória se utiliza da História para fazer valer as lembranças/evocações pautadas em acontecimentos que legitimem essa ordem política ou social, ou seja, é a memória sendo evocada para que a História a imprima em novos capítulos. A tarefa do historiador, por assim dizer, é impedir que isso simplesmente perca, ou pelo menos, refletir sobre. Ele pode pensar nas memórias em plural, propondo novas abordagens que permitam enxergar o que aconteceu de diferentes ângulos. Temos a tarefa de analisar como foi o espetáculo, não apenas aos privilegiados do “show”, mas também, aos indivíduos que não tiveram a mesma visão da última fileira. Como bem destaca Jacques Le Goff, “devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”⁶.

Ao trabalhar com memória, Burke aponta dois pontos de vista. Primeiro, elaborar uma crítica às fontes primárias, levando em conta toda uma tradição construída pela sociedade, e, segundo, identificar os princípios que a fonte carrega, percebendo como são maleáveis e como mudam de lugar para lugar, grupo para grupo, com o passar do tempo. Para ele, a transmissão da memória se dá por diferentes meios de comunicação⁷.

Nesse caso, em especial, nos reportamos aos meios materiais e/ou visuais, que constituem estátuas, placas, praças, lagos, santuários, fotos; e também os que se constituem em rituais de passagem, como comemorações de aniversários, cinquentenários, independência, natal ou ano novo, em dois dos municípios que se destacam no oeste paranaense.

Um Olhar Sobre o Cinquentenário nas Cidades de Cascavel e Toledo: O Caso das Memórias

Entre as renovadas concepções sobre memória, Loiva Otero Félix destaca que a memória traz consigo um conteúdo simbólico que delimita toda a construção de um imaginário, podendo constituir relações de pertencimento e identidades. As construções se dão:

pelo discurso e pela imagem, fazendo com que as lutas pelo controle da memória e dos imaginários sociais sejam muito importantes para as lutas políticas e para a obtenção de legitimações políticas e dominações⁸.

Para que o lugar seja constituído como memória, ele deve apresentar uma idéia de pertencimento (identidade) ao grupo, que coincide com lembranças em comum da construção ou de um acontecimento passado com que todos se identifiquem e se vejam inseridos no contexto.

A memória é passível de estar sendo sempre modificada (assim como a história para os historiadores) à medida que esta não responde mais aos anseios do grupo social. É o que Loiva denomina de “reconstrução de memórias” e, para tal, o termo identidade tem de ser analisado como um processo longo, contínuo e permanente de transformação do indivíduo inserido em um grupo social.

A evocação de traços comuns entre o grupo social é resgatada nos mais diversos espaços sociais, como família, trabalho, lazer, religiosidade. Nesse sentido, a história (como instrumento de poder) constrói a memória que interessa a alguns na criação das identidades, visando uma coesão social. Por isso, Loiva destaca, nas palavras de Maurice Halbwachs:

ao acabar a memória, começa a história (história-conhecimento) para salvar as lembranças da fixação por escritos, ou ainda, a memória é uma forma rudimentar de escrito histórico⁹.

Dentro dessa perspectiva, elencamos como referenciais dois cinquentenários nas cidades de Toledo e Cascavel, ambos comemorados em dezembro de 2002. Cascavel e Toledo foram emancipadas no mesmo dia, mês e ano, em 14 de

objeto de reflexão nas ciências humanas. A problemática multifacetada que a análise das memórias envolve está associada em larga escala ao nome de pesquisadores que se constituíram matrizes e referências para os estudos que se têm desenvolvido na área. Com destaque para Pierre Nora, Michael Pollack e Halbwachs.

⁶LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Unicamp, 2003. p. 477.

⁷BURKE, Peter. Ibidem. p. 72-73.

⁸FÉLIX, Loiva Otero. Ibidem. p; 25.

⁹FÉLIX, Loiva Otero. Ibidem. pp. 40-42.

dezembro de 1952. Existem controvérsias. Há quem afirme que Cascavel teria sido emancipada em 14 de novembro do referido ano, havendo até um projeto de lei em discussão, na Câmara de Vereadores, para mudar a data de comemoração do aniversário da cidade para 14 de novembro. Entretanto, não nos cabe aqui esgotar esse assunto, que divide muitos municípios.

Os dois memoriais foram arquitetonicamente elaborados, constituindo lembranças em comum da História de cada cidade, permeando “sentimentos” de identidade e pertencimento, mas apontando suas particularidades. Cabe pontuarmos que, em Toledo, o memorial foi inaugurado sob a gestão do prefeito Derli Antônio Donin; em Cascavel, com Edgar Bueno.

Em Toledo, temos a seguinte reportagem da “Gazeta de Toledo” sobre a obra da comemoração de seus cinquenta anos:

... contará com um monumento em granito com a logomarca dos 50 anos do município, além de um espelho d’água que representará o Rio Toledo, e ainda 3 mastros em concreto, com 17 metros de altura, para hasteamento eletrônico das bandeiras¹⁰.

Nesse sentido, o “Jornal do Oeste” destaca:

Conforme a concepção do projeto, o memorial simboliza a síntese na história de Toledo, retratando desde a instalação dos pioneiros às margens do Rio Toledo e o desenvolvimento ao longo dos anos. O espelho d’água representa o rio, elemento dominante na paisagem e história do município. Conforme seus idealizadores, a água é fator preponderante para o desenvolvimento da cidade e o jato d’água reforça a idéia de movimento e dinâmica do próprio rio e também do município. Por sua vez, o caminho na rampa é marcado por períodos de sua história, em painéis que destacam fases significativas de seu crescimento¹¹.

Nesse sentido, apontamos, como ponto de referência para nossas discussões, o “tipo de história” que o memorial tenta evocar, destacando o que os periódicos apontaram como “fases significativas de seu crescimento”. Questionamos: teriam sido tão significativas assim? Teriam tido tanta importância quanto se deu à construção do memorial? O que foi lembrado ou esquecido? Logo, observamos que os períodos destacados nos painéis contam uma história linear e bastante superficial, pois a idéia de progresso

está presente em toda a construção do memorial.

Conforme destacou a “Gazeta de Toledo”, o memorial dos cinquenta anos de Toledo “[...] consiste em uma rampa de acesso aos painéis históricos, em número de dez, mostrando os ciclos do desenvolvimento do município”¹².

Vemos, assim, que o primeiro painel destaca o início da Vila Toledo – Rua 7 de Setembro, 1946, com uma foto mostrando a extração e exploração da madeira, característica principal da colonização da região e, em especial, com a Madeireira Rio Paraná (MARIPÁ) em Toledo. O segundo painel segue a mesma linha da colonização do oeste paranaense, mostrando a “Serraria instalada às margens do Rio Toledo, 1949”. Já o terceiro painel mostra a foto da “Posse do 1º Prefeito, na sede da Prefeitura de Toledo [...]” em 1952, denotando um cunho mais político na História do município.

O quarto painel é de 1964, mostrando, na época, o “Frigorífico Pioneiro, adquirido pelo Grupo Sadia”, hoje a maior empresa e que fornece maior número de empregos diretos e indiretos para o município, constituindo uma representação de poder significativa, frente ao Poder Executivo, e à política de desenvolvimento (tanto que foi apontada dentre as fases significativas do crescimento do município) sendo, de acordo com o Wikipédia, o “maior frigorífico de suínos e aves da América Latina”¹³. O quinto painel mostra o desenvolvimento da cidade em 1968, mostrando a vista da Praça Willy Barth e da Igreja Matriz, que precedeu a Catedral Cristo Rei, já constituindo um ambiente urbano, com uma “cara” de cidade próspera e desenvolvida.



Fonte: Fotos de Placas do Memorial 50 anos de Toledo. Acervo dos autores.

Sobre 1974, o sexto painel mostra o desenvolvimento do turismo gastronômico do município, com a Festa do Porco Assado no Rolete, que atualmente tem o título de Festa Internacional. Em 1982, o destaque é da implementação do

¹⁰GAZETA DE TOLEDO. Chuva atrasa obras do memorial 50 anos. Toledo, 04 dezembro 2002, p. 08.

¹¹JORNAL DO OESTE. Memorial marca em grande estilo o jubileu de Toledo. Toledo, 12 dezembro 2002, Capa.

¹²GAZETA DE TOLEDO. Chuva atrasa obras do memorial 50 anos. Toledo, 04 dezembro 2002, p. 08.

¹³WIKIPÉDIA. Toledo (Paraná). Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Toledo_\(Paraná\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Toledo_(Paraná)). Acesso em: set. 2007.

Ensino Superior com a FACITOL, atualmente sede da UNIOESTE. Já em 1986, a foto é do centro da cidade, enfocando o “Desenvolvimento urbano com qualidade de vida”, o que, demonstra um município com pretensões de “cidade”, de ambiente urbano, que por outro lado, não exclui o nono painel, em 1990, e mostra a “tecnologia e diversificação aliadas à conservação no campo” com uma foto do interior do município com frigoríficos e cultivo de agricultura, tentando equiparar, em uma perspectiva diferenciada, que o campo e a cidade podem estar niveladas às grandes cidades.

Nessa perspectiva, reforçamos que 2002 é o ano do cinquentenário da cidade, quando se dá o “desfecho”, por assim dizer, da história do município, que tenta evocar os personagens atuantes nessa história de desenvolvimento e dedicação. O último painel carrega uma foto aérea da cidade e a coloca como “o trabalho de ontem, fazendo o presente e projetando o futuro”.



Fonte: Placa do ano de 2002 do Memorial 50 anos de Toledo. Acervo dos autores

Ainda na reportagem “Memorial marca em grande estilo o jubileu de Toledo”, o Jornal do Oeste destaca:

O caminho ascendente da rampa leva a um grande painel, com a marca comemorativa dos 50 anos, simbolizando a certeza de que a semente plantada germinou, prosperou e está sendo cultivada com sucesso. Aos pés do painel, uma urna centenária, no qual serão colocados, revela a continuidade, servindo de instrumento fundador para novos tempos e conquistas.

Emergindo do rio e sendo abraçado pelos painéis da história estão as bandeiras, num simbolismo da cidadania edificada por estes elementos, revelando a importância cívica da capacidade de organização dos cidadãos de Toledo na geração de qualidade de vida.

Por fim, a presença quase que simétrica de vegetação representa a malha urbana, compondo um alerta para a necessidade de que a intervenção

do homem seja feita de forma responsável, buscando a harmonia, valorizando sempre a intervenção necessária com os elementos naturais¹⁴.

O acesso à rampa nos remete a uma história superficial e linear, trazendo uma sensação de que estamos subindo rumo à evolução e ao progresso, dando-nos uma idéia de ascendência, superioridade, como se estivéssemos sempre melhorando os feitos do passado rumo à perfeição, ou melhor, o momento em que é construído é a melhor referência do progresso nos moldes de quem está no poder, trazendo também uma idéia de progresso à História da cidade. O painel da logomarca dos 50 anos é citado como a “Homenagem aos que contribuíram para a construção de Toledo, cuja história é marcada pelo trabalho, dedicação, fraternidade, amor e paz, em busca da qualidade de vida para todos”. O tema “qualidade de vida” é continuamente citado nesses painéis, dando ênfase a um processo de conquista e preservação desta durante os 50 anos de história de Toledo. Mas de fato, ela realmente existe ou é uma representação de poder, almejada por poucos e excluída para muitos?

É pertinente notarmos que o conteúdo evocado por esses painéis privilegia um pequeno grupo de pessoas, mostrando uma “história vista de cima”, sob o ponto de vista de uma pequena classe, seus dirigentes ou de alguns indivíduos, destacando o que nos lembra Peter Burke a respeito do “perigo de não percebermos as diferentes maneiras pelas quais as idéias dos indivíduos são influenciadas pelos grupos a que eles pertencem”¹⁵.

Um fato curioso, que apontamos, é em relação à criação de uma “urna centenária” apontado pelo Jornal do Oeste, que não especifica o que seria colocado em seu interior. Sobre isso é possível que seja apenas um erro de concordância na redação do Jornal, mas, nem o próprio Memorial em si faz alusão à “urna centenária”, nem uma inscrição, placa, absolutamente nada. Até onde sabemos, a urna foi utilizada guardando “lembretes” da História do município em 2002, que foram colocados e lacrados. É notório o fato de não mencionar quem são os sujeitos por trás desses “lembretes”. A urna teria sido cuidadosamente elaborada para resistir por mais 50 anos, sendo projetada contra umidade e abertura.

Após a inauguração do espaço do cinquentenário, o Jornal do Oeste descreve que “a beleza arquitetônica [...], só pode ser comparada à emoção estampada no rosto daqueles que assistiram

¹⁴JORNAL DO OESTE. Memorial marca em grande estilo o jubileu de Toledo. Jornal do Oeste, Toledo, 12 dezembro 2002, Capa.

¹⁵BURKE, Peter. Variedades da história Cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 72

à cerimônia de inauguração na noite da última quinta-feira, 12”, sendo ainda, “marcada pelo resgate do passado, a exposição do trabalho presente e a projeção de um futuro promissor para Toledo, rumo ao centenário”¹⁶. Temos ainda: “A cerimônia marcou a história da cidade e servirá como referencial para a trajetória que será traçada daqui para frente. Isto porque valorizar o passado é também trabalhar para sempre, construir e batalhar por algo melhor”¹⁷.

Dentre outras concepções, destacamos as propagandas publicitárias publicadas em 2002 nos periódicos já referenciados em homenagem ao cinquentenário, que apresentam características bastante semelhantes aos painéis do memorial. O Jornal do Oeste publica que “O processo de desenvolvimento é uma combinação de trabalho, sacrifícios, inteligência e coragem. E foi isso que Toledo fez nestes 50 anos de município independente e progressista”¹⁸.

Outra propaganda destaca:

Parabéns Toledo

50 anos de História constituídos no dia-a-dia de muito trabalho de um povo que transformou, em tão pouco tempo, o sertão de um dos lugares mais lindos e progressistas do mundo. A nova Toledo é um exemplo de qualidade de vida a muitas cidades menores, maiores em tamanho, mais novas ou mais velhas em idade. Isto faz com que tenhamos uma responsabilidade ainda maior que é e sempre será o nosso maior desafio: continuar a construir o futuro com base no passado, mas com visão clara e atos definidos no amanhã. Por isso, a Administração Municipal conclama a todos para comemorarem com alegria todas as conquistas, mas, também, para nos unirmos ainda mais, pois temos muito ainda por fazer. Parabéns a todos que nesta cidade vivem e contribuem para seu desenvolvimento.¹⁹



Fonte: Memorial 50 anos de Toledo. Acervo dos autores

São perceptíveis os “jogos de poder/representação” no memorial do cinquentenário de Toledo, uma disputa pela preservação da memória ou, mais especificamente, sobre o que alguns querem que seja lembrado, colocando em evidência as palavras do francês Maurice Halbwachs:

as memórias são construídas por grupos sociais. São os indivíduos que lembram no sentido literal, físico, mas são os grupos sociais que determinam o que é “memorável”, e também como será lembrado. Os indivíduos se identificam com os acontecimentos públicos de importância para seu grupo.²⁰

Já com relação a Cascavel, de acordo com o jornal O Paraná, o projeto do Memorial dos cinquenta anos de Cascavel foi elaborado “gratuitamente pela empresa NBC Arquitetos e Construções, a mesma que planejou o prédio da prefeitura [...], tem como tema principal a filosofia da evolução do tempo através do qual é contada a história da cidade”²¹.

Nesse mesmo sentido, o jornal destaca:

O Memorial do Cinquentenário contém 5 hastes representando as 5 décadas do município. No seu interior, uma divisão de cada década, onde cada ano terá uma placa de aço escovado contando os acontecimentos mais importantes da história da cidade.²²

O memorial do cinquentenário também demonstra uma alusão positivista da História de Cascavel, destacando apenas os fatos mais importantes, sob a perspectiva de algumas pessoas. O prefeito do município, na época, destaca:

¹⁶JORNAL DO OESTE. Aniversário: comemoração com inaugurações. Jornal do Oeste, Toledo, 14/15 dezembro 2002, p. 08

¹⁷JORNAL DO OESTE. Memorial sintetiza História de Toledo. Jornal do Oeste, Toledo, 14/15 dezembro 2002, Capa.

¹⁸JORNAL DO OESTE. Propaganda publicitária. Jornal do Oeste, Toledo, 14/15 dezembro 2002, p. 05.

¹⁹JORNAL DO OESTE. Propaganda publicitária. Jornal do Oeste, Toledo, 14/15 dezembro 2002, Seção Cidade – Região.

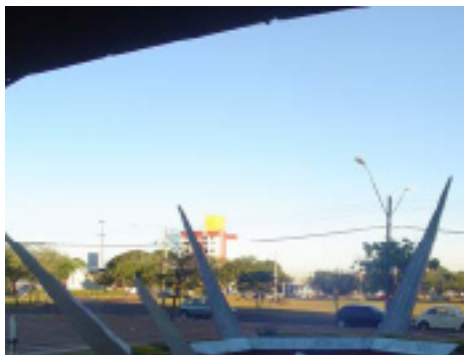
²⁰Apud BURKE, Peter. Variedades da história Cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 70.

²¹O PARANÁ. Programação inclui bolo de 50 metros. O Paraná, Cascavel, 14 dezembro 2002, p. 09.

²²Idem.

²³O PARANÁ. Cascavel é construída de boas histórias. O Paraná. Cascavel, 15 dezembro 2002, p. 14, Seção Cidades.

Cascavel é construída de boas histórias. O memorial espelha os grandes acontecimentos de transformação e consolidação de Cascavel. É preciso absorver os ensinamentos dos pioneiros para dar continuidade ao planejamento do futuro.

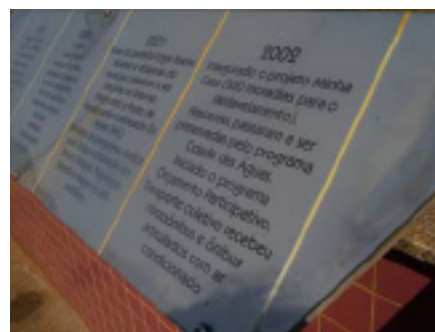
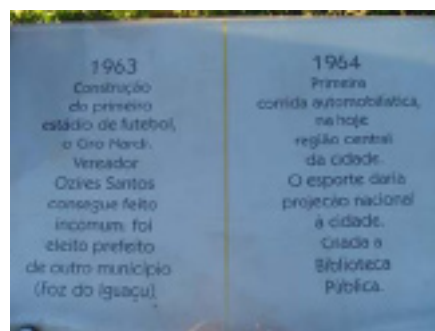


Fonte: Memorial 50 anos de Cascavel. Acervo dos autores

Percebemos que o destaque para a “evolução do tempo” constitui uma ferramenta utilizada para nos dar um significado de ascendência através das décadas e, como em Toledo, as cinco hastes do Memorial de Cascavel nos trazem um significado de progresso, conquista, melhorias através dos anos do município. Quando adentramos o monumento, a sensação que temos é o crescimento da história de Cascavel através das cinco hastes progressivas em tamanho, todas alcançando o horizonte. Além das hastes, dentro do monumento temos cinco conjuntos de placas que contam a evolução da História de Cascavel a cada ano, desde 1953 a 2002.

O conteúdo das placas históricas destaca a posse de prefeitos (Helberto Schwarz em 1957, Octacílio Mion em 1961, Pedro Muffato em 1973, Jacy Scanagatta em 1977 e prorrogado por dois anos pelo período militar, Fidelcino Tolentino em 1983 e 1993, Salazar Barreiros em 1989 e 1997, e o prefeito da época, Edgar Bueno, em 2001); ciclos econômicos de Cascavel (1955); primeiro cinema (1956); início de transmissões de rádio (1958); o polêmico episódio da queima do prédio da prefeitura (1960); construção do estádio de futebol (1963); criada a Biblioteca Pública (1964); empenho da Câmara na construção do Hospital Regional (1974); primeira exposição agropecuária Expovel (1975); inaugurado o Museu Histórico (1976); criada a Arquidiocese de Cascavel (1978); inaugurada a primeira emissora de televisão, a TV Tarobá (1979); inauguração do Centro Cultural Gilberto Mayer (1982); destaque importante para os anos de 1984/85/86, marcados pelos “protestos de produtores rurais contra a política agrícola do governo”, que culminou nos primeiros passos para a formação do futuro MST; criação do Museu da Imagem e do Som (1988); aprovação da Lei Orgânica

do Município (1990); inaugurado o atual Paço Municipal José Silvério de Oliveira (1992); criada a Companhia de Habitação de Cascavel (1994); Inauguração da Ferroeste (1996); Inauguração do Fórum (1998); criação da Associação dos Amigos dos Rios (2000); inaugurado o projeto Minha Casa (500 moradias para o desfavelamento) e o transporte coletivo recebeu microônibus e ônibus articulados com ar-condicionado (2002).



Fonte: Placas do Memorial 50 anos de Cascavel. Acervo dos autores

Além de evocar certo positivismo na História de Cascavel, as placas trazem determinadas representações por parte dos idealizadores do projeto. Talvez mais que isso, pois resgatam também os atores principais da História da cidade, sob uma perspectiva de grandes figuras, como a posse dos prefeitos, as construções, inaugurações e até a utilização de ônibus articulados.

Nas palavras de Peter Burke:

Tornou-se lugar-comum salientar que, em

diferentes lugares e épocas, os historiadores consideram os diferentes aspectos do passado como memoráveis (batalhas, política, religião, economia e outros) e que apresentam o passado de maneiras muito diferentes, concentrando-se em fatos ou estruturas, em grandes homens ou pessoas comuns, segundo o ponto de vista do seu grupo²⁴.

Os lugares, enquanto memória, no caso de Cascavel e Toledo, destacam-se no sentido de evocar uma memória que seja interessante para os indivíduos que detêm certo poder político ou de mando. Enquanto isso, pode-se ter proporcionando uma aceleração do esquecimento de fatores que não sejam interessante aos mesmos.

Praça do Migrante

As praças revelam-se locais que remetem a múltiplas análises, como sua funcionalidade, lazer, reconhecimento, espaço democrático ou invisível. Já a Praça Florêncio Galafassi foi inaugurada a 14 de Novembro do ano de 1977, nas comemorações do 25º aniversário da cidade de Cascavel. A inauguração foi em um dia de grande festa, com desfile e apresentações culturais apreciada pela comunidade em geral.

Conforme consta, seguiu-se a solenidade com o discurso do prefeito da época Jacy Miguel Scanagatta. Segundo o periódico "Fronteira do Iguaçu", de 17 de novembro de 1977, o prefeito "começou o discurso fazendo um completo relatório de suas realizações e dos benefícios do chefe do Executivo estadual,"²⁵ o então governador Jayme Canet Junior, presente ao evento. Scanagatta aproveita o momento em que há um grande número de eleitores reunidos, para fazer sua propaganda política referendando seus feitos em prol da comunidade cascavelense.

Prosseguindo a solenidade, a palavra é passada ao presidente da Câmara dos vereadores, Dércio Galafassi, filho do homenageado. Seu discurso fica voltado para homenagear Florêncio Galafassi e a família Galafassi. Dércio atribui a Florêncio Galafassi o título de "progenitor" da cidade²⁶. Contudo, antes disso, faz uma pequena introdução, falando poeticamente sobre os migrantes que deram início ao município, fazendo uma comparação entre migrantes e bandeirantes, dizendo:

Quais bandeirantes deste século, provindos de diferentes Estados da Federação, sobretudo do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, eles foram chegando, trabalhando e se agrupando, unindo as vozes no decorrer do tempo, expressando com o seu labor, a finalidade de sua procura por estas plagas.²⁷

Entretanto, o discurso não nega os conflitos pela terra, típicos dessa região na época. Mas deixa claro que os esforços eram omitir da população e, quando não possível, proporcionar o esquecimento desses episódios que "manchavam" de sangue o período.

Os anos da década de 1950 foram realmente de incertezas, e a fixação do homem da terra encontrou os maiores obstáculos, pois verificou-se neste período, a par dos homens de boa vontade, o aventureirismo de elementos sequiosos por riquezas fáceis. Muitos bravos tombaram na defesa de suas posses, deixando ao desabrigo seus entes queridos. O pensamento dos homens públicos, autoridades unidas, foram lapidando e moldando as correntes adversas. Os episódios mais sangrentos eram esquecidos, a fim de que o povo definitivamente postado nesta terra tivesse o carinho e a compreensão de todos os seus concidadãos.²⁸

Falando mais especificamente sobre o homenageado, faremos algumas considerações ao discurso de Dércio. A homenagem apresenta Florêncio Galafassi como um "herói da formação da cidade", trabalha com a idéia de homem corajoso, destemido, acostumado a sacrifícios, líder, sujeito de presença marcante. Outras idéias são colocadas no sentido de que Florêncio Galafassi veio para essas terras, pois acreditava que poderia transformá-las em um lugar melhor para se viver.

No entanto, em nenhum momento de sua fala, relaciona a profissão de seu pai com o contexto histórico em que estava inserido, quando veio para Cascavel. O que se quer dizer, é que Florêncio era um industrial madeireiro e esta região representava uma potência no ramo de exploração da madeira. Devemos levar em consideração a época em que Florêncio chega a Cascavel: o ano de 1948. Trata-se do começo de um dos momentos mais prósperos da economia desta região. Contudo, pode-se descartar a

²⁴Apud BURKE, Peter. Variedades da história Cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 71.

²⁵Fronteira do Iguaçu, Galafassi explica o monumento. 17 de novembro de 1977.

²⁶Destaca, entre todos os migrantes da região, Florêncio Galafassi como "nosso progenitor". O Paraná. A Praça já é do Povo. 17 de novembro de 1977. p. 3.

²⁷Idem.

²⁸Idem.

hipótese de que Florêncio era apenas um aventureiro, pois é notório o fato de que se instalou na cidade com toda sua família.

É fato que a família Galafassi possuía uma forte representatividade política na época. E sem dúvida, independentemente da figura do migrante Florêncio Galafassi, o motivo que levou o monumento em homenagem ao migrante ser denominado através da Lei Nº1318/77 de “Florêncio Galafassi”, foi o envolvimento da família na política.

Os jornais²⁹ que foram utilizados como fontes para o trabalho resumem a praça como “um dos componentes do esquema urbanísticos da Avenida Brasil,” ou ainda, “obra importante que vem suprir em parte a necessidade de áreas de lazer, tão precárias em Cascavel”³⁰. Para esta pesquisa é muito mais que isso, trata-se de um elemento da História, que pode trazer várias abordagens³¹.

Esta praça representa um dos exemplos de tentativa de perpetuação da memória³². Pode-se dizer, inclusive, que este é um projeto pessoal, que, involuntariamente ou não, aproveitou o momento para transformar o monumento em homenagem ao migrante, em homenagem a determinada família. Porém, deve-se dizer, que se constatou, através das fontes recolhidas para a pesquisa, que a praça “Florêncio Galafassi” geralmente não é reconhecida com tal denominação, mas como “Praça do Migrante”.

Já em 2004, sob o mandato do prefeito Edgar Bueno, a praça passa por uma reforma total, já que vinha há muito abandonada pelo poder público municipal, que teria como responsabilidade a manutenção do logradouro público. Aspecto interessante desta reforma é o objetivo de “valorizar o espaço público e resgatar seu valor histórico”³³. O monumento em si foi mantido, nele foram feitos alguns reparos, no entanto, a estrutura da praça mudou, tendo sido incorporados a ela novos símbolos, sendo bastante descaracterizada da idéia original.

“No intuito de valorizar o lugar como marco histórico do município, como encruzilhada dos brasileiros, foram instaladas as bandeiras de todos os Estados da Federação”³⁴. Após a introdução deste novo elemento, ouve-se dizer, por alguns populares, que aquela é a “praça das bandeiras”, porém, não

há nada que a regule com esta nomenclatura. Pode-se ressaltar que o projeto de revitalização da praça, ao incorporar novos símbolos, descaracteriza a originalidade do monumento, produzindo novos valores e representações.

Para exemplificar melhor a questão da distorção da memória com o passar do tempo, vamos citar algumas nomenclaturas que surgiram na memória pública coletiva. Conhecem-na como Praça do Migrante – de fato, o monumento construído na praça é o monumento em homenagem ao migrante, mas não é a “Praça do Migrante”. Outros, talvez pelo não conhecimento, a chamam de “Praça do Imigrante”. Após a revitalização no ano de 2004, surgiram inúmeras outras nomenclaturas para a o logradouro, tais como: praça das águas, praça dos chafarizes, praça das bandeiras. Tudo relacionado aos novos elementos inseridos na praça.

Não podemos deixar de ressaltar, que a “revitalização” (que está mais para reestruturação) também entra como uma representação política em torno do monumento. No processo de revitalização da praça, não faria muito sentido, no que diz respeito às intencionalidades políticas intrínsecas nos monumentos, se ela fosse apenas reformada. Pois não traria novas representações e, conseqüentemente, não surgiriam “novas memórias” em torno do monumento. Nesse sentido, são diversos os exemplos apresentados de revitalização na região oeste nos últimos anos, especialmente em 2007 e 2008.

Queremos dizer que não só a construção da Praça, em 1977, foi carregada de intencionalidades, mas sua revitalização no ano de 2004 também. Sem os novos valores criados na “memória social”, após a reforma da praça, o grande feito não seria lembrado e por isso não faria “sentido”.

Logo, o monumento em si representa as correntes migratórias das cinco regiões brasileiras. Estas correntes estão representadas por cinco rampas de concreto, tal como se fossem um gráfico evocando o volume de migrantes que a cidade recebeu das regiões brasileiras. Para Galafassi, em seu pronunciamento no dia da inauguração, o monumento “simboliza as características próprias de cada migração, separadas por fatores culturais,

²⁹ Periódicos diários, Fronteira do Iguazu e O Paraná.

³⁰ O Paraná. Povo sempre presente na festa do “jubileu”. 17 de novembro de 1977. (capa)

³¹ Essas “novas abordagens” estão relacionadas a “nova história política”, em autores como René Rémond.

³² Ver conceito de memória em NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares. In: Rev. Projeto História. São Paulo: 1993, v. 10.

³³ Documento fornecido pela Biblioteca Pública Municipal de Cascavel.

³⁴ Idem

³⁵ O Paraná. A Praça já é do Povo. 17 de novembro de 1977. p. 3.

sentimentos e costumes”³⁵.

Atualmente, os dados, no que tange à estrutura física da praça, apresentam: área de 9530 m²; 14 bancos; 13 lixeiras; canteiros de plantas ornamentais; cerca de 5200 m² de grama; iluminação em toda extensão da praça; espelho d’água com área de 986 m², no qual há um grande chafariz que o compõe³⁶.

A Praça Florêncio Galafassi constitui-se um dos cartões postais da cidade de Cascavel. Na coleta do material de pesquisa, principalmente os periódicos da cidade, percebe-se, principalmente em datas comemorativas, que a imagem da praça é utilizada como um símbolo da cidade, ou, ainda, como instrumento de criação de uma identidade coletiva. E falar em identidade, sobretudo no oeste paranaense, revela-se uma questão bastante complexa³⁷.



Fonte: Praça Florêncio Galafassi, popularmente conhecida como Praça do Migrante. Acervo dos autores

Hoje, a praça, bem conservada, apesar de parcialmente descaracterizada, fica na principal avenida da cidade. Sua conservação faz parte de um projeto denominado “Cascavel cidade das águas”, implementado no mandato do prefeito Edgar Bueno. A visita pública pode ser considerada intensa.

Praça Itália: Uma Questão Atual

A Praça Itália foi inaugurada em 14 de Dezembro de 2006, dia em que Cascavel comemorava seu 54º aniversário. No texto que fala sobre a Praça Florêncio Galafassi, a data de comemoração do

aniversário é em 14 de novembro, assim, a título de esclarecimento, a data do aniversário de emancipação política da cidade mudou.

Este 14 de dezembro de 2006 foi marcado pelo tradicional bolo. A cada ano, no dia do aniversário, é feito um bolo do tamanho (em metros) da idade que o município completa, ou seja, o bolo foi fabricado com 54 metros de comprimento, sendo distribuído para todos os presentes na solenidade de inauguração da praça.

Segundo o periódico diário “O Paraná”, do dia 15 de Dezembro de 2006, a Praça Itália, que custou aproximadamente 500 mil reais, “é uma homenagem aos descendentes de italianos que vivem nesta cidade”³⁸. Pois bem, e os descendentes de Japonês? E não só os Japoneses, mas também os alemães, poloneses, suíços, austríacos e mesmo os afro-descendentes. Aí está uma questão que poderia ser discutida em uma outra ocasião. Onde estão os negros, por exemplo, na história de Cascavel?



Fonte: Praça Itália de Cascavel. Acervo dos autores

Certamente há motivações que vão muito além do interesse em homenagear os migrantes italianos na construção da praça. Falamos nas intencionalidades, na criação de lugares de memória.

Podemos destacar que a idealização da praça foi de Pietro Fanton, presidente da associação Veneti Nel Mondo³⁹. Em 2005, Fanton visitou Cascavel, consolidando parcerias e possibilitando também uma troca de informações entre Brasil e Itália. Nesta visita foi criada a filial da Veneti Nel Mondo em Cascavel. E, atendendo a um pedido desta associação que o

³⁶Dados extraídos de um documento fornecido pela Biblioteca Pública Municipal de Cascavel, intitulado: “Informações Praça do Migrante”.

³⁷Vários estudos podem ser apontados referentes à identidade nacional. Comparem trabalhos como de Renato Ortiz, o qual procura mostrar que a identidade nacional está ligada a uma reinterpretação do popular pelos grupos sociais e à própria construção do Estado brasileiro. Temos trabalhos de Affonso Carlos Marques dos Santos (UFRJ), Lúcia Lippi (CPDOC/FGV), José Murilo de Cravalho (UFRJ), Lídia Moritz Schwarcz (USP), entre outros.

³⁸O Paraná. Inauguração e bolo. 15 de Dezembro de 2006. (capa)

³⁹Roteiro da solenidade de inauguração da Praça Itália, cedido pelo departamento de patrimônio da prefeitura de Municipal de Cascavel.

⁴⁰<http://www.italianos.it/novo/noticias.aspx?id=2614&editoria=128>. Acesso em set. 2007.

projeto da praça foi desenvolvido pela Prefeitura de Cascavel. Este trabalho, que Fanton vem desenvolvendo, faz parte de um projeto para “afiançar as relações mútuas em termos comerciais e culturais”⁴⁰ entre Brasil e Itália.

Segundo reportagens, após a construção da praça, o secretário da Cultura, Julio César Fernandes, e o coordenador de Dança da Semuc, que assessorou Fanton em sua visita a Cascavel, lhe entregaram um álbum contendo algumas fotografias da Praça, que o deixou muito contente com o resultado do fim das obras. Declarou Fanton:

A maior parte dos políticos prometem e fica tudo só na promessa. Vocês de Cascavel estão de parabéns por terem um prefeito que cumpre o que diz e viabilizou esta praça tão bonita, (...) o espaço dá a impressão de ser uma praça daquelas existentes nas principais cidades da Europa. É uma praça que exprime simpatia, oferta calor humano, humanidade, amor, que acolhe com o coração. Tudo aquilo que é bom em uma praça⁴¹.

Os recursos para viabilização do projeto foram obtidos junto ao Ministério do Turismo e departamento de turismo da prefeitura. A obra foi executada pela construtora Xerri & Noal com o acompanhamento da engenheira fiscal da Prefeitura, Ângela Thomé, na gestão do prefeito Lísias Thomé.

Contudo, devido à proximidade temporal da construção do monumento e dos acontecimentos, novas possibilidades de análise podem surgir, inclusive descartando e/ou contradizendo o que foi relatado nesta pesquisa. Por isso, não damos essa questão como esgotada.

Esta praça, assim como a praça “Florêncio Galafassi”, apresenta um exemplo interessante como lugar de memória, ou seja, as duas se caracterizam como criação de lugar de memória. A Praça Itália evoca a memória de um grupo e tenta criar, na memória social, a idéia de que este grupo se constitui como importante na cidade de Cascavel.

Para fechar as discussões acerca deste monumento, vamos falar dele como lugar de lazer. Segundo definição extraída da obra “Praças Brasileiras”, as “Praças são espaços livres públicos e urbanos, destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos”⁴².

Contudo, se levarmos essa definição ao “pé da letra” devemos desconsiderá-la, no que se refere à Praça Itália, lá que está localizada/prensada numa das avenidas mais movimentadas da cidade. Ela faz

parte de um cruzamento com intenso fluxo de carros. Com isso, podemos dizer que exerce funcionalidade como lugar de memória, mas não tanto como lugar de lazer.

Quanto à praça e sua representação simbólica, vemos que o leão alado que a decora, no alto de uma torre de cerca de 20 metros, é uma réplica da obra encontrada na Praça de São Marcos, em Veneza, considerada a mais famosa escultura de Vêneto. Para os italianos, o leão, símbolo de São Marcos, que na Praça em Vêneto está voltada para o porto de Veneza, representa força e proteção. Assim, é interessante destacar que os visitantes da Praça Itália em Cascavel lêem estas informações numa placa colocada ao pé da torre, onde está a escultura do leão.

Há o medo do esquecimento, que, com a aceleração da História, muito bem apontado por Pierre Norra, fica evidente nos monumentos. Os “lugares de memória” passam a desempenhar o papel de mantenedores dos liames sociais, buscando impedir o esquecimento. Logo, no tempo presente, o medo do esquecimento proporciona uma certa obsessão pelos monumentos, placas, bustos, traços, comemorações, símbolos associados à idéia de eterno, de duradouro marco para a posteridade. E, para Nora, esses lugares de memória o são simultaneamente nos três sentidos da palavra: simbólico, material e funcional.

Parques Ecológicos, Funcionalidades e Representações

Tendo em vista as propostas de análises apresentadas até então, abordamos novos exemplos. Os lugares de memória a serem analisados são os parques ecológicos, popularmente chamados de lagos municipais das cidades de Cascavel e Toledo. Ambas as cidades possuem parques ecológicos. O parque da cidade de Cascavel leva o nome de Parque Ecológico Paulo Gorski, e o parque da cidade de Toledo de Parque Ecológico Diva Paim Barth.

Para se compreender melhor, tratar-se-á cada parque de cada cidade separadamente. Faremos um breve histórico do “monumento”, em que serão apresentadas as suas funcionalidades e, engajado a isso, virá uma análise do monumento no que tange aos elementos políticos, à idéia de pertencimento e de continuidade ou descontinuidade, trazendo ainda um comparativo entre os dois parques.

Parque Ecológico Paulo Gorski

⁴³Segundo consta na placa de inauguração do monumento e no jornal O Paraná, ocorre em uma sexta-feira, 31 de dezembro de 2004, p. 15.

O Parque Ecológico Paulo Gorski foi inaugurado no dia 11 de novembro de 1984, pelo então prefeito Fidelcino Tolentino⁴³. No entanto, como em toda obra, o parque foi previamente planejado. As medidas foram tomadas e o parque concluído. O decreto nº. 803/75 já começava a preparar o terreno para que o projeto do parque pudesse ser iniciado. O decreto declara de “utilidade pública, para fins de desapropriação e construção do Lago Artificial de Cascavel”⁴⁴.

Percebemos, então, que, desde o ano de 1975, a idéia de construir um parque ecológico passa pela mente dos representantes de Cascavel. Neste ano, o líder do poder executivo da cidade era Pedro Muffato, sendo ele o prefeito que deu o primeiro passo para a construção do parque. A idéia é aceita e reforçada pelo poder legislativo, que “autoriza o executivo municipal de Cascavel a desapropriar áreas onde ficaria o lago artificial de Cascavel, fazer permuta e dá outras providências”⁴⁵.

Notamos que o interesse na construção do parque não provém apenas do executivo, já que este também é apoiado pelo legislativo. O apoio vem no ano de 1976 com a lei citada, nº. 1211⁴⁶.

Posteriormente, em 21 de novembro de 1978, já sob governo do prefeito Jacy Miguel Scanagatta, sanciona-se um decreto que “denomina de Danilo José Galafassi o parque municipal de Cascavel”⁴⁷, sendo que esse parque, citado no decreto, se localiza muito próximo ao Parque Ecológico Paulo Gorski.

No ano de 1983, finaliza-se a obra do Lago Municipal de Cascavel, que acaba sendo inaugurado em 14 de novembro de 1984⁴⁸, na comemoração do aniversário de 33 anos do município. Sob governo de Fidelcino Tolentino, então, é concluída a primeira etapa de obras que foram realizadas no parque. Sendo elas: o anel viário, a barragem do lago e o bar e belvedere.

Quando chega o ano 1988, a cidade de Cascavel, com o prefeito Fidelcino Tolentino, acaba por unificar três monumentos em um só. “Unifica o Parque Ecológico, Parque Municipal e o Lago Artificial e dá outras providências”⁴⁹. Essa unificação tem

significativa importância para a história do parque, já que, posteriormente, muitas reportagens trazem como data de criação o dia em que a lei entra em vigor, 21 de dezembro de 1988⁵⁰. Em 1994 já se “denomina de Luisinho ‘Dinho’ Perin, a ciclovia em construção em volta do lago municipal de Cascavel e da outras providências”⁵¹. Novamente temos, como prefeito da cidade de Cascavel, Fidelcino Tolentino.

Já a revitalização do Parque Ecológico Paulo Gorski acontece no ano de 1995, ainda sob mandato de Fidelcino Tolentino. “Nesta primeira etapa, além da ciclovia com 3.600 metros, a rearborização do local com mais de 3000 mudas de árvores de espécies nativas e um playground para crianças”⁵².

Desde o momento em que foi pensado, nos seus primórdios, o Parque Ecológico Paulo Gorski já foi idealizado como um lugar de lazer, recreação e tranquilidade. Com isso, o foco da funcionalidade do parque sempre foi o lazer. Ou seja, a função do parque é de embelezar a cidade e criar um local dentro do ambiente urbano, onde o cidadão possa entrar em contato com a natureza e praticar atividades.

As funcionalidades de uma praça e de um parque são muito parecidas, tendo em vista que a praça também é vista como um local de lazer e descanso. No entanto, o investimento para a construção de um lago é muito maior (salvo algumas exceções). Logo, tendo uma funcionalidade semelhante, em sua grande maioria, os motivos que levam à construção de um parque estão ligados à imagem da cidade. A imagem de uma cidade quase sempre está ligada à imagem de seu chefe do executivo. Por isso não é estranho perceber investimentos feitos na imagem da cidade. Investimentos em parques ou praças. Muitas vezes, quando uma cidade é bem vista, seu governante também o é.

Sendo Cascavel vista como uma “cidade de médio porte, com as características e o ambiente de uma cidade do interior, pacata e gostosa de se viver”⁵³, a propaganda da cidade fica mais forte e atrativa, e, conseqüentemente, a propaganda dos chefes do executivo também se torna mais eficiente.

Percebemos que, apesar de a funcionalidade

⁴⁴Decreto nº. 803/75 da Prefeitura Municipal de Cascavel, do dia 25 de setembro de 1975.

⁴⁵Lei nº. 1211 da prefeitura municipal de Cascavel, de 12 de agosto de 1976.

⁴⁶Idem.

⁴⁷Apesar de a inauguração do Lago ser somente em 11 de novembro de 1984, segundo fonte do jornal O Paraná (em uma sexta-feira, 31 de dezembro de 2004, pp. 15). Fala sobre um dos homens que chefiou a construção do Lago, e nesta reportagem o jornal afirma que as obras ficaram prontas em 1983.

⁴⁸Segundo consta da placa de inauguração do monumento e no jornal O Paraná, em uma sexta-feira, 31 de dezembro de 2004, p. 15.

⁴⁹Lei nº. 2019/88 da prefeitura municipal de Cascavel, do dia 21 de dezembro de 1988.

⁵⁰Como é o caso da reportagem do jornal Hoje no dia 14 de dezembro de 2000, no Hoje Especial p. 07.

⁵¹Lei nº. 2463/94 da prefeitura municipal de Cascavel, do dia 22 de agosto de 1994.

⁵²Jornal O Paraná de 22 de setembro de 1995, p. 11.

⁵³Jornal Hoje de 07 de maio de 2000, p. 23.

do parque ser o lazer e o descanso, o “monumento” tem, como objetivo, também, criar uma propaganda da cidade e, conseqüentemente, do prefeito e de outros políticos ligados. Neste sentido, a imagem da cidade é reforçada pelos monumentos e, juntamente com o monumento e sua funcionalidade, vem à questão de o monumento atuar como lugar de memória.

Os lugares de memória buscam evocar algum feito, acontecimento ou até mesmo indivíduos que tiveram “importância” no passado. Esse ato de evocar traz à tona o que quer ser lembrado para a memória coletiva, sendo resgatado do esquecimento pelo lugar. Devemos ter em mente que, quando um lugar de memória é construído, ele procura evocar uma memória que é interessante (de alguma forma) para o grupo que quer resgatar ou criar tal memória.

É, nesse sentido, que Pierre Nora destaca:

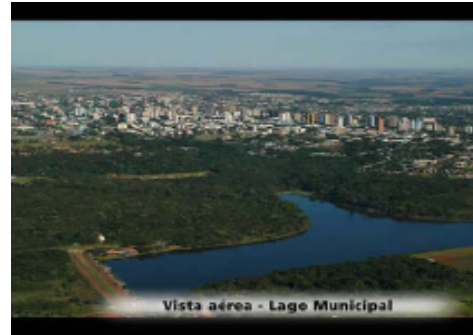
que a criação dos lugares de memória é constituída pelo desaparecimento dos elos com o passado, relacionados à medida que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi⁵⁴.

O parque ecológico Paulo Gorski além de ser um local de lazer e descanso e agir como um monumento de propaganda, é também um elemento ou uma parte desse processo. Ele evoca algo que quer ser lembrado e trazido para a memória coletiva.

Quando se parte para uma análise política, é fácil perceber qual é a memória que o Parque Paulo Gorski quer evocar. A começar pelo seu próprio nome: Paulo Gorski. A questão de dar um nome ao monumento é facilmente reconhecido como uma tentativa de lembrar quem foi o indivíduo que leva o nome.

Neste caso, Paulo Gorski, foi um dos vereadores da cidade de Cascavel. Seu nome foi colocado no logradouro do parque para que seu papel na sociedade cascavelense não fosse esquecido. Percebemos então um interesse político em evocar tal memória.

Ainda, percebe-se que Paulo Gorski, tem um filho de mesmo nome óbvio, que também atuou como político da cidade de Cascavel. Pode-se perceber que o resgate de memória não vem contribuir só para o próprio Paulo Gorski que deu nome ao lago, mas para a família Gorski.



Fonte: Parque Ecológico Paulo Gorski Disponível em: www.cascavel.pr.gov.br

Vale salientar, ainda, sobre o parque como lugar de memória, que ele também evoca a memória das pessoas que se comprometeram a criá-lo. No caso mais específico, o do prefeito Fidelcino Tolentino, levando em conta que, durante grande parte do processo de inauguração do parque, este era o prefeito. Ainda percebemos que, no seu segundo mandato, continua a investir no projeto do lago, criando algumas melhorias.

Nesse sentido, o monumento do parque ecológico atua como lugar de memória, tanto para evocar a memória de Paulo Gorski, quanto para evocar a memória de Fidelcino Tolentino. O primeiro caso traz a idéia de um cidadão importante a ser lembrado. No segundo caso, a idéia de um prefeito preocupado com o bem estar e lazer de sua cidade. Assim, as memórias que são evocadas no monumento dizem respeito, tanto ao homenageado, quanto ao mantenedor e criador do monumento.

Fica visível em vários exemplos no oeste paranaense, a utilização da memória para evocar o que certo grupo de pessoas querem que a sociedade lembre. Assim, concretiza-se a parcialidade na questão dos lugares de memória. É evidente a utilização dos lugares de memória para um lembrar favorável a políticos e/ou indivíduos que trazem interesses para aqueles que criam lugares.

Outra questão que o Parque Ecológico Paulo Gorski traz para a análise é a questão da idéia de pertencimento. A idéia de pertencimento que um monumento dá a uma cidade é visível, principalmente quando se vêem “cartões postais” de determinados lugares. Esse pertencimento pode ser em nível local, regional ou até mesmo nacional.

⁵⁴NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares. In: Rev. Projeto História. São Paulo: 1993. n. 10. p. 15.



Fonte: Cartão Postal da cidade de Cascavel: Lago Municipal. Disponível em: www.cascavel.pr.gov.br

O parque em questão traz a idéia de pertencimento local, pertencimento da cidade de Cascavel. É comum os moradores de Cascavel identificarem-se com o Parque Ecológico Paulo Gorski, tratando-o por Lago Municipal. O “lago” então dá aos moradores de Cascavel uma idéia de pertencimento da cidade, por todos se sentirem familiarizados com o “lago”. Esse pertencimento pode ser em diferentes graus. A idéia de pertencimento que o parque traz para Cascavel é em um patamar menor que em relação a Toledo, mas é visível na perspectiva de identidade.

Outra questão a ser observada, no Parque Ecológico Paulo Gorski, são as disputas e representações de poder que ocorrem fora do nível político. Representações sociais, econômicas, militares e até mesmo culturais. Há de se observar as “mansões” que se localizam em redondezas do parque. Residências com acesso direto à pista de caminhada do Lago, inclusive em horários em que a pista não é acessível ao público. Temos, assim, as disputas pelo espaço físico e até musical do local. Vemos, ainda, que o parque é usado pelo exército (sendo que parte dele está em área militar). Com isso, percebemos a representação do poder militar. Os militares têm acesso a partes e áreas do Lago, a que as demais pessoas não têm. Interessante notar tais disputas e perceber que o “poder” não se atém apenas ao âmbito político.

Parque Ecológico Diva Paim Darth

O lago municipal de Toledo, que, tem como nome Parque Ecológico Diva Paim Barth, teve a sua idealização de forma diferenciada do lago municipal de Cascavel. Em Toledo houve uma primeira idéia, vinda de um pioneiro, o topógrafo Henrique , que

percebendo a área abandonada, o Banhado da D. Diva, notou que o local estava causando problemas para a cidade, tendo em vista que o local era de fato um banhado, um pântano, e se encontrava na periferia da cidade (na época). O local estava se tornando um depósito de lixo, onde apareciam insetos e bichos perigosos, além de tornar-se um refúgio para marginais. Vemos assim, que:

Depois de muitos anos de luta em prol da conscientização das autoridades municipais, e o desenvolvimento da cidade em volta do banhado, foi feito o loteamento do Jardim La-Salle e o loteamento Vila-Industrial.

Henrique e seu irmão, Carlos Isernhagem, no início da década de 1960, começaram a fazer um levantamento de dados para tentar solucionar o problema, e, para eles, a solução seria a implantação de um parque ecológico. Procuraram as autoridades municipais em meados dos anos 1960, para propor essa idéia, com dois objetivos: o primeiro seria solucionar problema que o banhado causava e, o segundo, seria oferecer para o povo de Toledo uma área verde e de lazer.

No mandato de Avelino Campagnolo (1964-1969), houve a tentativa de viabilizar a idéia. No entanto, é no de 1979 que a idéia ganha força, quando Enio Luiz Perin adere à idéia e começa a lutar por ela. Apenas no mandato de Albino Corazza Neto é que a idéia foi aceita pelo poder público, quando ao assumir o cargo, coloca como secretário de planejamento urbano da prefeitura de Toledo o próprio Enio Luiz Perin. Assim, fica a seu cargo assessoramento e planejamento do Parque Ecológico. Com isso, no ano de 1983 começam as conversações com a família Barth para comprar a área.

O poder público então é autorizado⁵⁵ a proceder à aquisição da área de 19.768,90 m², que seriam os terrenos onde se localizava o banhado de Diva Paim Barth. Depois que as negociações pela terra começaram, ela doou uma parcela da terra para a realização do projeto, conforme diz a lei 1320/86⁵⁶. Assim, com o terreno adquirido, as obras se iniciaram, depois de todo o processo de ajuste e as obras foram prosseguindo, até que em 1988, ainda no mandato de Albino Corazza Neto, o parque é inaugurado, mesmo sem ainda estar pronto segundo a legislação, pois, afinal, só no ano de 1992⁵⁷ é que o local de fato passa a se chamar Parque Ecológico Diva Paim Barth.

⁵⁵Lei nº. 1247/85 da prefeitura municipal de Toledo, do dia 11 de outubro de 1985.

⁵⁶Lei nº. 1320/86 da prefeitura municipal de Toledo, do dia 02 de dezembro de 1986.

⁵⁷Decreto nº. 626 da prefeitura municipal de Toledo, do dia 22 de maio de 1992.

No mandato de Luiz Alberto de Araújo o parque estava em fase inicial. Em seu mandato, os projetos em torno do parque tiveram continuidade e mais elementos foram agregados ao parque. Cercouse o horto florestal e criou-se em torno do mesmo uma pista a ser utilizada para práticas desportivas⁵⁸. O fim desta segunda etapa de obras relacionadas com o Parque Ecológico Diva Paim Barth é finalizada com a criação da concha acústica.

Desde então, o lago municipal de Toledo vem sendo constantemente mantido e implementado com novas etapas de obras, criando uma continuidade, de um mandato para outro, com relação a este monumento. Percebe-se que foi criada ainda a Usina do Conhecimento, em 1º de julho de 1999⁵⁹; o playground; em 12 de outubro de 2006⁶⁰; e o pombal, em 29 de novembro de 2006⁶¹. Todas essas obras trazem uma idéia de um contínuo investimento na manutenção deste monumento.

Percebemos que, desde sua criação, o Parque Diva Paim Barth teve, com o foco de sua funcionalidade, o lazer e o conforto, bem como a solução de um problema que o espaço físico constituía até então, e, ainda, a criação de um “cartão postal” da cidade de Toledo. Fazendo um paralelo com a funcionalidade do Parque Ecológico Paulo Gorski em Cascavel, nota-se que a funcionalidade de ambos é muito parecida. Salvo a questão dos “problemas” que o Parque Ecológico Diva Paim Barth trazia para a cidade antes de ser construído. Ambos têm a funcionalidade de ser um local de lazer e descanso e, também, de atuar como propaganda para a cidade em que está inserido.



Fonte: Parque Ecológico Diva Paim Barth. Disponível em: www.toledo.pr.gov.br

Outro elemento a destacar é o fato que, assim como o parque de Cascavel, o Parque Ecológico Diva Paim Barth também é tratado como um lugar de memória. Sendo assim, busca evocar algo, algum feito ou acontecimento, ou ainda, indivíduo.

Facilmente visível, o próprio nome do parque já evoca o nome de Diva Paim Barth, que foi a esposa de Willy Barth, um dos pioneiros da cidade e um dos diretores de uma das maiores madeireiras que colonizaram Toledo, a MARIPA. O resgate de memória que traz o nome do parque é da esposa de uma importante liderança que também é constantemente evocada pela memória coletiva da cidade, pois em Toledo existe uma praça em homenagem a Willy Barth.

Assim, a memória coletiva da sociedade da cidade de Toledo lembra de Willy Barth, como de Diva Paim Barth, como sendo figuras que auxiliaram em muito o desenvolvimento da cidade: “Willy Barth foi mesmo um pioneiro⁶²”. Diva é lembrada por ser a doadora das terras que puderam dar origem ao maior e mais visível monumento da cidade de Toledo, o lago municipal.⁶³

Desta forma, a memória evoca a família Barth como pessoas de bem, que lutaram por uma Toledo melhor. Assim, o Parque Ecológico Diva Paim Barth atua de maneira visível como um lugar de memória. Os nomes dos prefeitos que inauguraram alguma etapa de obras ou revitalizaram o parque também são evocados como mantenedores da memória e como prefeitos que se importam com o bem-estar da cidade.

Percebe-se que o parque traz a idéia de pertencimento para os moradores da cidade de Toledo. Como dito anteriormente, em um grau muito maior que o Parque Paulo Gorski. O lago municipal de Toledo encontra-se em uma área mais central e atua, de fato como um monumento de pertencimento regional para a cidade de Toledo. Muitos munícipes identificam-se com o monumento. O grau maior dessa sensação de pertencimento que o parque de Toledo gera, em partes, é devido à cidade ser menor em relação a Cascavel, além de muitas pessoas terem acompanhado o processo de transformação de um banhado em um monumento, o que lhes dá uma identificação muito maior com o mesmo.

⁵⁸Informação retirada da Monografia de Cliceira Maria Schmidt, apresentada a Curso de Secretariado Executivo Bilíngüe do Departamento de Letras da UNIOESTE/FACITOL, sob orientação da professora Iraci Yoshida. p. 27.

⁵⁹Segundo informações da própria usina do conhecimento, oferecidas pela coordenadora da usina Zilda Sementino Arceles e pela auxiliar Vera Lucia Finkler.

⁶⁰Idem.

⁶¹Segundo placa exposta próxima a Usina do Conhecimento que diz respeito à implantação do pombal.

⁶²Jornal Tribuna do Oeste de 14 de dezembro de 1981. p. 17.

⁶³Referente à construção de um mito político no oeste paranaense centrado na figura de Willy Barth., podemos ver considerações de SCHMIDT, Róbi J. Cenas da constituição de um mito político. Cascavel: Edunioeste, 2001.

Ainda outro elemento é a questão do valor que se dá a esse monumento, tendo em vista que existem diversas comemorações no lago, como a passagem de um ano para outro é comemorado pela cidade no parque. Com isso, o sentimento de pertencer a Toledo vem muito carregado com o monumento do Parque Ecológico.

Por fim, comparando os dois monumentos, o Parque Ecológico Paulo Gorski e o Parque Ecológico Diva Paim Barth, percebe-se que ambos agem como monumentos que buscam a idéia de pertencimento, progresso e linearidade.



Fonte: Placa de inauguração do Parque Ecológico Diva Paim Barth. Lago Municipal de Toledo. Acervo dos autores.

No entanto a maior diferença entre os dois parques é a questão da continuidade e a descontinuidade de investimentos e valorização que se dá em cada caso. Percebe-se que o Parque Ecológico Paulo Gorski foi basicamente valorizado nos mandatos de Fidelcino Tolentino e praticamente foi deixado de lado em mandatos de outros prefeitos. Já no caso do Parque Ecológico Diva Paim Barth, cada prefeito cuidou da manutenção do parque e ainda incrementou o monumento com novos projetos (como é o caso das obras em torno do horto florestal, a concha acústica, o playground e o pombal, entre outros em desenvolvimento). Isto tudo é o que gera um diferenciado “patamar” no sentimento de pertencimento entre um parque e outro. Como a valorização do Parque Ecológico Diva Paim Barth é maior, logo, o sentimento de pertencimento do mesmo se torna maior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das análises expostas, traçamos aqui algumas considerações. Percebemos, através das análises de monumentos, que existe uma intencionalidade na construção dos mesmos, enquanto lugares de memória, que visam proteger os

ideais dos indivíduos que detêm certo poder político ou de mando. Dessa forma, procura-se manter certa uniformidade da memória coletiva (ou sua criação), atuando como formadores de uma identidade local/regional/nacional, buscando sempre evocar uma memória positiva sobre os mesmos.

Pela análise das fontes, foi possível observar que a imprensa regional (em sua maioria) atuou como “agente” do poder político, no que tange à construção de certas visões apresentadas pelos monumentos. Assim, foi possível vislumbrar um parâmetro de relação entre a imprensa e o poder público. Ainda vemos que o poder público utiliza-se de Leis e Decretos para dar respaldo à criação, ou mesmo “perpetuação” da memória. Por outro lado, podemos destacar, atualmente, a proliferação e constante revitalização de lugares de memória em praticamente toda a região oeste paranaense, bem como de espaços de lazer.

Quanto à elaboração dos lugares enquanto memória é clara a intenção de um resgate histórico, contudo intimamente ligado aos indivíduos que ocupam cargos públicos de peso político. Normalmente, busca-se o enaltecimento de indivíduos, fatos, situações que evoquem uma história linear, sem crítica, do fato pelo fato. Nesse sentido, lembramos que a memória é capaz de moldar o próprio imaginário coletivo.

Assim, devemos pensar nas memórias em plural, propondo novas abordagens que permitam enxergar o que aconteceu, de diferentes ângulos. Vemos uma proliferação de estudos em torno do patrimônio histórico e da memória junto às ciências humanas e sociais, contribuindo e inovando em suas análises, em que o estudo da memória envolve o vivencial, os concebidos temporalmente, os não ditos. As questões relativas à cultura também se tornam inteligíveis, se remetidas às discussões sobre as maneiras pelas quais se manifestam e realizam as relações de poder. Assim, para que as relações de poder se sustentem e se perpetuem, torna-se necessário lançar mão de uma variedade de recursos simbólicos, imagísticos e, até mesmo, comportamentais.

Acreditamos que se faz necessário nos voltarmos, na atualidade, aos temas como cultura, identidade, memória, dimensionando-os a partir daí ao “micro”, ao recorte regional, às diferenças e especificidades de análise. Temos assim, uma via de “mão dupla”, podendo contribuir para a produção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, A. A guerra dos lugares. In: FORTUNA, C. **Cidade, cultura e globalização**. Oeiras: Celta, 1997.
- BURKE, P. **Variedades da história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- GIRARDET, R. Mitos e mitologias políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/Difel, 1990.
- FÉLIX, L. O.; ELMIR, C. P. **Mitos e heróis: construção de imaginários**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1998.
- FÉLIX, L. O. **História e memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- GIRARDET, R. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- IRSCHLINGER, F. A. Olhar regional: lugares e memória. In: DIEHL, A. (Org.). **Fascínios da história**. Passo Fundo: UPF, 2003.
- JORNAL DO OESTE, **Toledo-PR: Jornal do Oeste, desde 1985**. Disponível em: Museu Histórico de Toledo.
- JORNAL FRONTEIRA DO IGUAÇU, **Cascavel-PR: Fronteira do Iguaçu**. Disponível em: Biblioteca Pública de Cascavel.
- JORNAL GAZETA DE TOLEDO, **Toledo-PR: Gazeta de Toledo**, desde 1995. Disponível em: Museu Histórico de Toledo.
- JORNAL HOJE, Cascavel-PR: Paper Midia Ltda, desde 1978. Disponível em: Biblioteca Pública de Cascavel.
- JORNAL O PARANÁ, **Cascavel-PR: O Paraná, desde 1976**. Disponível em: Biblioteca Pública de Cascavel.
- JORNAL TRIBUNA DO OESTE, **Cascavel-PR: Tribuna do Oeste**. Disponível em: Biblioteca Pública de Cascavel.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas/São Paulo: UNICAMP, 1994.
- NORA, P. Entre memória e história, a problemática dos lugares. **Rev. Projeto História**. São Paulo: 1993.
- ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: v. 2, n. 3, 1989.
- ROBBA, F.; MACEDO, S. S. **Praças brasileiras**. São Paulo: Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.
- TEDESCO, J. C. (Org.). **Uso de memórias** (política, educação, identidade). Passo Fundo: UPF, 2002.
- VEYNE, P. O indivíduo atingido no coração público pelo poder. In: RICOEUR, P. Percherong. **Indivíduo e poder**. Perspectiva do Homem, 1989. p. 9-23.

UNIVERSIDADE PARANAENSE

QUEM QUER SER CIENTISTA LEVANTE O BRAÇO 2008



ESTIMULE SUA CRIATIVIDADE E SENSO CRÍTICO

Através do Programa de Iniciação Científica – PIC, você pode participar de projetos de Pesquisa coordenados por pesquisadores mestres e doutores da Unipar. Além de muito conhecimento e experiência, você ainda pode receber uma bolsa auxílio através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC

INFORMAÇÕES:

IPEAC - Campus Umuarama (Sede)

NISEPS (Unidades)

e-mail: copic@unipar.br

www.unipar.br/pesquisa

